

## A angústia da espera

Desde 18 de março as aulas no Tocantins estão suspensas nas redes estadual, municipal e particular em vista da pandemia de coronavírus. Professores e alunos foram orientados a permanecer em casa por tempo indeterminado. Ao contrário de outras localidades, o Estado não aderiu ao modelo de aulas on-line e ainda não há visibilidade sobre como será a retomada.

A professora Elaine, que mora em Campos Belos - Goiás, mas leciona Língua Portuguesa e Literatura para o Ensino Médio no Município de Arraias – TO, se divide entre duas realidades. Com dois filhos matriculados na rede goianiense, ela tem que prestar auxílio às crianças na execução das tarefas que recebem por meio das aulas à distância. Por outro lado, se aflige com a inatividade em Tocantins. *“Não sabemos como será. Ainda não fizemos nada em termos de planejamento e não sabemos se o que fizermos chegará a todos”*, explica.

Para ela, um ponto de reflexão importante deste momento é a questão do acesso. Por trabalhar em uma cidade sem muitos recursos que está em uma região rural, Elaine estima que cerca de 80% dos adolescentes não conseguiriam acompanhar aulas por meio de celulares e computadores. A educadora mantém contato com alguns alunos via WhatsApp, já para falar com outros, precisa telefonar para ter notícias. *“Gostaria de estar dando aula, especialmente porque meus alunos estão no Ensino Médio e estão pensando em Enem e vestibular. Mas a expectativa de não atingir a todos é angustiante”*, revela. Ela chegou a sugerir que apostilas fossem feitas e encaminhadas aos estudantes, mas a gestão escolar pediu que ela esperasse por novas diretrizes.

Enquanto aguarda, Elaine organizou um espaço em casa para seguir com estudos e formações on-line e para deixar o material didático preparado para um futuro planejamento. *“Os cursos que estou fazendo estão servindo de referência para quando as aulas retornarem. Precisamos nos atualizar, sair do tradicional e repensar nossa atuação, evoluir”*, conta. Para incrementar as aulas, a professora lembra que será preciso repensar a infraestrutura das escolas que nem sempre possuem bons computadores, internet e laboratórios. *“Não basta o professor querer, é preciso ter suporte técnico e pedagógico dentro das escolas”*, reforça Elaine.

Aflita com o cenário, a educadora gostaria de ouvir dos colegas como eles estão lidando com o estresse e com a situação. Ela mantém conversas com alguns professores, que também demonstram preocupação, mas o contato segue sem regularidade e sem a formalidade de uma rede de apoio. *“Gostaria de ouvir a realidade de cada um para, quem sabe, termos mais perspectivas”*, reflete. Para driblar o estresse e permanecer atualizada, Elaine está lendo *“Olhos d’Água”*, da escritora Conceição Evaristo. Enquanto lida com seus próprios dilemas e angústias, ela lê contos que apresentam diferentes personagens afro-brasileiras em um caleidoscópio de vulnerabilidades e desafios.